O poeta que sonhou com um jornal centenário

J. C. ALENCAR ARARIPE (*)

Sem violentar a memória, na sucessão dos anos, guardamos de certas personalidades e determinados acontecimentos retratos tão nítidos e recordações tão marcantes que até parece traduzirem sensações de ontem. Convocado a depor no Instituto do Ceará sobre Demócrito Rocha e seu jornal, vejo-me na situação delineada.

A primeira imagem que me acode à lembrança é a da sala onde conviviam, em 1943, na sede de "O Povo", na Senador Pompeu, o diretor, o redator-chefe, o gerente, a tesoureira, redatores e revisores. A proximidade no ambiente físico sugeria um nivelamento que me deixava atônito. A vizinhança de Demócrito Rocha impedia que me entediasse na modéstia da minha função de revisor. E tinha de ser isso mesmo. Estava ao lado de figura proeminente da imprensa, que conhecia de nome fazia tempo e lia com gosto, aproveitamento e quase sempre com indissimulável concordância e aplauso.

Não se colocava em pedestal, inacessível ao comum dos mortais. Da sua pessoa se irradiava uma simpatia permanente que atraía e afervorava amizades. O rosto largo era o estereótipo do grande coração que irrigava com sangue generoso as vias de comunicação de fina e transbordante sensibilidade.

Episódios, aparentemente despretensiosos, encerram, quantas vezes, lições que não devemos esquecer, como estes a que vou reportar-me. A não ser quando Paulo Sarasate faltava ao expediente da manhã pela necessidade de comparecer à Faculdade de Direito, onde era Inspetor Federal, somente à tarde Demócrito Rocha ia ao jornal. A certa hora, chegava-lhe uma garrafa de leite que a sua filha Albanisa lhe mandava da Rua Assunção. Enchia o seu copo,

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Assunção. Enchia o seu copo, levantava-se e ia servir um outro copo à única mulher que trabalhava no "O Povo" de então. Não me recordo de haver invejado Stela Barbosa, embora fosse, como ainda sou, um apreciador de leite. Encantava-me, isto sim, a simplicidade do diretor e o cavalheirismo de seu gesto.

Um dia, aproximei-me de Demócrito Rocha e aventurei-me a dirigir-lhe a palavra. Desejava que a Prefeitura Municipal de Fortaleza me concedesse uma bolsa de estudos na Fênix Caixeiral. Não se fez de regado e, tomando do telefone, realiza uma ligação. E qual não foi a minha surpresa, quando, falando da minha pretensão ao prefeito Raimundo de Alencar Araripe, tratou-me de companheiro!

Era assim, sem afetação, obedecendo a incontroláveis impulsos íntimos, naturalmente bom e expansivo, que Demócrito Rocha conquistava amigos e inspirava abnegações. Ele afirmara certa vez: "Trabalho e camaradagem sempre foi o lema desta casa". A prática não desfigurava a teoria.

O seu envolvimento com a imprensa vinha de período anterior à fundação de "O Povo". Datava de abril de 1924, quando criou o "Ceará Ilustrado", apontado como a melhor revista literária da época em Fortaleza, mas que se envolvia com assuntos outros de patente atualidade, particularmente política. Haveria de ser assim para quem ocupava posição de vanguarda, propondo e defendendo ação modernizadora no campo da cultura como no plano da ação governamental e administrativa.

Problemas sanitários

A preocupação com os problemas sanitários, com os quais se deparava Fortaleza, levou-o à abordagem da alarmante devastação que a tuberculose fazia entre nós. João Alfredo Montenegro, no ensaio que escreveu sobre a atividade de Demócrito como jornalista, ressalta a sua incursão no terreno minado pela falta de condições higiênicas, o baixo poder aquisitivo da população, a precariedade das habitações, a ausência de conduta preventiva devido ao nível diminuto de educação. Se não nos situássemos no tempo, o drama denunciado seria o retrato da realidade de

hoje. Apesar do avanço da ciência e da descoberta de poderosos medicamentos específicos, a doença do peito está aí, desafiadora, tendo a coadjuvá-la a ignorância que subsiste. São os pecados do tempo, diria o padre Antônio Vieira.

Insistindo na tese de que Fortaleza era o paraíso das infecções, Demócrito Rocha apontava os três grandes flagelos da cidade: as moléstias gastro-intestinais, provocadas pela água contaminada, a tuberculose pulmonar e a lepra. Quanto a esta última, insistia no perigo do contágio, porque os leprosos andavam pelas ruas e praças, sentavam-se nos bancos e circulavam nos bondes. "O Povo" noticiava um dia desses que o surto de hanseníase na capital cearense é preocupante, sobretudo porque os portadores do mal abandonaram o tratamento. O que a indigência mental não fizer...

"O Ceará", de propriedade de Júlio de Matos Ibiapina, daria a Demócrito Rocha uma trincheira mais compatível para o desdobramento da sua atuação contra os desregramentos políticos e para a ampliação da sua cruzada modernizadora nas letras. "O Ceará", que era diário, ensejaria ao baiano de Caravelas a companhia de uma das mais robustas afirmações do jornalismo que tivemos, e que desvaneceu ao açoite dos vergalhões da intolerância. Dele ninguém se lembra, porque estamos numa terra esquecidiça, na opinião do mestre Dolor Barreira, e porque – este é o fator principal – não teve continuador, o que não faltou a Demócrito Rocha, cuja opinião era a de que uma força superior velava pelo "O Povo".

Violência policial

Corajoso, impávido, com as baterias voltadas contra os vícios da Pátria Velha, verberando a chicana das eleições fraudulentas, afrontando sem tréguas o coronelismo retrógado, que Joaryvar Macedo retratou, mais tarde, com fidelidade, no livro "Império do bacamarte", insurgindo-se contra a violência da polícia, o cangaço vestido de farda, Demócrito Rocha atraía sobre ele o ódio dos potentados, que um dia explodiu nas vizinhanças da Praça do Ferreira, em brutal atentado de 12 oficiais da milícia estadutal. Populares procuraram socorrê-lo, o que se tornou impossível porque os agressores os detinham de arma em punho.

À selvagem arremetida policialesca, a 1.º de junho de 1927, seguiram-se protestos nas ruas, nos comícios, no vibrante "O Ceará", na Associação Cearense de Imprensa. A condenação veemente ecoou na Capital Federal e outros pontos do país. Não lhe faltou solidariedade, o que enrijeceu o seu ânimo combativo e o levou à maturação da idéia de montar o seu próprio jornal e fortalecer as barricadas da oposição.

"O Povo" estava a caminho.

Demócrito Rocha, como jornalista e orador, participou na plenitude do ciclo revolucionário da década de 20, com as duas rebeliões de 5 de julho de 22 e 24, com a epopéia do Forte de Copacabana, com a Coluna Prestes, que lhe inspirou alcandorado poema. Se os revoltosos vinham das bandas do Piauí, que se erguesse um entrincheiramento em Campos Sales, que seria a Verdun cearense. Assim se procedeu no campo governista. Mas a Coluna, manobrando estrategicamente, como era dos seus hábitos, contornando a concentração militar, "serpeava tranquilamente / nos desfiladeiros de Arneiroz / e estendia-se nos sertões / como uma enorme jibóia / - a boa-constrictor da liberdade".

"O Povo" era agora o florete que esgrimia. O programa de ação fora exposto no editorial do primeiro número. Creio que a sua síntese está neste parágrafo: "Quando o povo geme escravo, entorpecido pelas algemas do cativeiro, indiferente e modorrento, resignado à violência paralisante do grilhão, o jornal é o sangue novo, forte e generoso a nutrir-lhe as células dormentes, a despertar-lhe os neurônios amortecidos, a ondear-lhe, nas veias, a torrente vigorosa e enérgica da revolta."

O poeta revolucionário

Se não se criam tempos novos nem revoluções sem a presença protagonista de um poeta, como já houve quem sentenciasse, aí estava o homem que reunia condições para galvanizar as massas na tribuna da praça e da imprensa. Dele se disse que, como orador, era "avesso aos tropos, à declamação, à vacuidade". "Sem exageros nem superabundâncias, obscuridades nem rebuscamentos". "Simples, claro, espontâneo".O jornalista distanciava-se desse comporta-

mento? Não o vi na tribuna. Mas a sua prosa enquadrava-se na medida da oratória, tal como foi esboçada. Sem comprometer o arroubo e a firmeza que se impunham, sabia imprimir aos seus escritos a graça, o encanto e o sugestivo da mensagem poética, fosse na prosa convencional ou na forma de expressão, que no poema fugia aos cânones tradicionais, para professar o modernismo que chegava.

O 1.º aniversário do "O Povo", em 1929, já se festejava com alentada edição. O poeta desfilava em grande estilo com o seu maior e belíssimo poema "O Jaguaribe é uma artéria aberta...", poema inexcedível, em que Demócrito Rocha se sublimou, e que será lembrado mesmo quando a técnica tiver operado o milagre da redenção do Ceará.

Demócrito Rocha sabia das dificuldades a arrostar. Conhecia a crônica do jornalismo no Ceará, que se antecipara a outras unidades da Federação, São Paulo entre elas, na utilização dos tipos móveis. E dificilmente outra Província, estabelecidas as devidas proporções, conheceria igual florescência no tocante à publicação de periódicos. Houve deles que não passaram do primeiro número. Mais tarde, a terceira edição "O Ceará", de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, estampou trabalho de Demócrito Rocha sobre a imprensa do Ceará na Monarquia. "Foi a política que gerou o jornalismo cearense", diz o articulista, que lembra, em apoio de sua tese, a observação de Antônio Sales de que as gazetas do Ceará "eram meros instrumentos do ferrenho partidarismo reinante".

Em certas ocasiões, as baterias de "O Povo" silenciavam. Depois da vitória da Revolução de 30, convinha uma trégua, à espera de que surtissem efeito as medidas ditas salvadoras que estavam sendo implementadas. Como enfronhar-se em política partidária quando o flagelo climático de 32 dizimava no interior e batiam à capital levas de esfomeados?

Memória do jornal

As pessoas devem ser vistas na fase e no ambiente em que atuaram. Outra conduta não se aconselha com relação aos fatos de antanho. Como encará-las ou apreciá-las com as lentes e as concepções de hoje?

Nos anos 20 e 30, Fortaleza era uma grande família. Esse, o entendimento de João Alfredo Montenegro. Do que depois se convencionou chamar de comunicação de massa, só o jornal existia. A pioneira Ceará Rádio Clube de João Dummar foi inaugurada em 1934. A centralização impunha-se de maneira inarredável. Tudo convergia para a Praça do Ferreira e circunvizinhanças. Nas pontas de linhas e subúrbios distantes, quando muito uma bodega, que vendia fiado com caderneta mas sem juro. Não tinha de tudo, porém.

Um jornal que servisse o prato da política e evidenciasse criatividade para incursionar por outras paragens, um jornal assim teria chances de deitar raízes e escapar à transitoriedade das folhas que desapareciam tão depressa como surpreendentemente surgiram. "Memória de um jornal", de autoria de José Raimundo Costa, é interessante e utilíssimo relato cronológico de "O Povo". Registra o corriqueiro do dia-a-dia, os passos trôpegos da criança, os desvelos dos seus pais, a assisti-lo nos momentos delicados, que exigem palavra forte e desabusada, a guiá-lo na suave e deleitosa caminhada do entretenimento, das enquetes e concursos que sacudiam um pouco o torpor provinciano. Quais os seis maiores poetas cearenses? Como os três mosqueteiros de Alexandre Dumas eram quatro, os seis maiores poetas do Ceará eram sete...

"Memória de um jornal" é história: acompanha a Revolução de 30, a luta contra o cangaço, as eleições ganhas pela Liga Eleitoral Católica, o Estado Novo, a conflagração universal, a morte da andorinha no bombardeio simulado de Fortaleza, a alvorada da democratização, os pleitos eleitorais, as esperanças e frustrações políticas, a Revolução de 31 de Março e seus desdobramentos, conquistas constitucionais no novo ciclo democrático que se abre.

"O Povo" não era só a Nota de Demócrito Rocha. A Nota era, no entanto, a primeira coisa que se lia. Pelo estilo simples e direto, pelo senso de oportunidade. O problema maior concentrava-se no porto? Pois vamos a ele: a construção no Mucuripe é mais conveniente e não se insista no porto-ilha. Fortaleza precisava de largas avenidas e as praças não podiam ser ocupadas por Igrejas ou prédios públicos; se tivesse sido aberta a avenida que iria da Praça do Ferreira à Praça do Carmo, envolvendo a Floriano Peixoto e a Major

Facundo, já imaginaram os reflexos da inovação urbanística? Em Fortaleza, a arborização tornava-se imperativa. Por que descurar o caju e o algodão, o ouro branco, que rendia dinheiro aos produtores e trabalho aos desassistidos interioranos nas fábricas de descaroçamento? Quando a Prefeitura decidiu implantar as feiras livres, alegrou-se, porque uma reivindicação de "O Povo". Tentaram ridicularizá-lo porque se ocupava da plantação de hortaliças. Zangou-se e o mínimo com que mimoseou o seu crítico foi chamá-lo de burro. Orlando Silva veio pela primeira vez a Fortaleza e hospedou-se no Excelsior Hotel, em frente ao qual se concentravam populares. A Nota foi sobre o fato do dia, que sensibilizava o cearense: a presença do cantor das multidões. Com a II Grande Guerra, curtiu com amargor a derrota da França, antevia a trajetória das hordas nazistas na Europa e na África, fustigava o quinta-colunismo, regozija-se com os primeiros sucessos aliados.

Sede própria

"O Povo" não nascera em berço esplêndido. Houve um instante em que quase se desistia de levá-lo adiante. Sobreviveu às intempéries. A mudança de máquinas impressoras era sinal de que se retemperava para novas investidas. Com a rotoplana "Duplex" vieram as primeiras linotipos. Até 1941, a composição era a mão, com tipos de caixa.

Um dos episódios mais bonitos do então vespertino foi a conquista da sede própria. Com o objetivo de reunir recursos para esse fim, idealizou-se a campanha de assinaturas. Os leitores adiantavam 100 cruzeiros e se credenciavam a receber um exemplar diariamente, pelo período de 21 meses. O plano alcançou êxito. Dos mais diferentes setores partiram demonstrações de simpatia e apreço ao empreendimento. Com a sede própria, a 16 de outubro de 1941, inaugurava-se também a rotoplana "Duplex". Ao começar a impressão, o primeiro exemplar foi para o então Governador da Arquidiocese, monsenhor Otávio de Castro. Houve, depois, quem estranhasse o gesto, quando presente estava a mais alta autoridade no Estado, o interventor federal Menezes Pimentel.

Demócrito não demorou com a sua palavra de esclarecimento. "Foi de plena consciência – escreveu – que no ato inaugural do novo formato de "O Povo" adotei o primado espiritual. O jornal é um instrumento do espírito, a sua função não é de nenhum modo vegetativa, mas genuinamente psicológica. Jornal sem alma não é jornal".

Na Academia e no Instituto

Demócrito Rocha integrou a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará. Na primeira, ocupou a cadeira n.º 10, de que é patrono Padre Gonçalo Inácio de Albuquerque Melo Mororó. No centenário de Machado de Assis, proferiu, na Academia, uma oração de crítica literária e psicológica, no dia 21 de junho de 1939. Dolor Barreira tece-lhe encômios entusiásticos, enaltecendo-lhe a percuciência na substância e o primor na maneira de enunciar.

"Machado – diz Demócrito Rocha – escreveu uma obra universal. Seus livros apresentam a cor local meramente necessária à vida de seus personagens. E só. Mesmo porque esses personagens não poderiam viver no éter. Reclamariam aquilo por que as nações de hoje desejam fazer a guerra: o espaço vital."

Em 1996, leio na imprensa o depoimento de Salman Rushdie sobre a impressionante modernidade de Machado. "Ele é o escritor cem anos à frente de seu tempo." Por que sobrevive, todos os anos recomendado aos jovens que se preparam para o vestibular? Porque encerra a universalidade, apontada por Demócrito Rocha, e a modernidade, decantada pelo autor de "Versos satânicos".

O ingresso no Instituto do Ceará veio mais tarde. Somente se deu a 6 de janeiro de 1943, em solenidade no Palácio do Comércio, presidida pelo sábio Thomaz Pompeu Sobrinho. Vinha em companhia das mais ilustradas: Joaquim Alves, Luís Sucupira e Antônio Martins Filho, o Benjamim do grupo, com 38 anos, hoje na estacada, para gáudio de todos nós, na altura dos seus gloriosos 93 anos. "O mais antigo sou eu – afirma Demócrito Rocha: em abril completarei 55 anos, e vos peço licença para contar pelo duplo a minha idade."

Reformas

Lembra Demócrito Rocha que aos 33 anos se acredita que termina a fase revolucionária e o homem principia a recolher-se para meditar. "De mim, porém – acrescenta enfaticamente – vos digo que tenho vindo além, na minha paixão pelas reformas."

Não exagerou nem mentiu. O afervoramento com que se batia pela mudança de mentalidade, a constância com que professava o credo da liberdade, até onde isso era possível em regime discricionário, as medidas que sugeria, as providências que reclamava, a posição clara e insofismável no confronto com o nazi-fascismo, tudo, em Demócrito Rocha, comprovava o ideário reformista que o empolgava. Havia tanto o que mudar, neste Brasil que em tudo se atrasara, que não aceitava a acomodação.

A referência a reformas era uma definição de atitude. Não aprofundaria a tese. O que a disciplina do Instituto lhe impunha era falar sobre Soares Bulcão, o dignitário da cadeira que lhe coube ocupar, vaga com a morte do insigne poeta, historiador e genealogista. E essa tarefa Demócrito Rocha a cumpriu de maneira magistral.

Com efeito, "A vida sentimental de Soares Bulcão" reúne páginas primorosas de um prosador que encanta pelo estilo leve, gracioso e envolvente com que projeta a personalidade focalizada, rememora episódios, patenteia o poder evocativo, cultua amizade pessoal que entre ambos vicejou, não obstante as diferenças partidárias.

Dar-se-ia bem no Instituto. O refinamento do seu espírito encontraria agasalho entre a luzida coorte que aqui pontificava. O banco da Praça do Ferreira atraia-o pelas irreverências que o animavam; o Instituto e a Academia levariam-no a cogitações mais sérias e sedimentadas nos altiplanos da cultura.

O infortúnio de moléstia daninha não permitiria que Demócrito Rocha concluísse o ano de 1943. No fim de tarde de 29 de novembro, veio o desenlace. Cercavam-no a esposa Creusa e as filhas Albanisa e Lúcia, sempre desveladas. Pondo de lado o jornal que estava lendo – relata Paulo Sarasate – proferiu baixinho suas últimas palavras:

- A guerra está ganha. Só falta a minha saúde...
E acrescentou:
- Meu Deus!

O sonho do poeta

A 1.º de dezembro, "O Povo" circularia em funeral. Nesse dia, Paulo Sarasate chegara mais cedo. Além de providências de rotina, cumpria-lhe preparar a mensagem de despedida ao chefe que se fora. Escrevia a mão, como de costume, as folhas eram levadas à oficina à proporção que cada uma estava preenchida. Paulo Sarasate, as lágrimas nos olhos, do começo ao fim, estava tocado de indisfarçável emoção. Mas não faltou com a homenagem sua, pessoal, e dos companheiros do jornal. Uma página tocante.

Paulo Sarasate, antes mesmo de 1928, formara ao lado de Demócrito Rocha. Era expedito, vibrante, sensato, perseverante, cultivava a vida zelosamente, sem deixar sinais de desperdício. Batalhador infatigável, viveu numa voragem. Estou a vê-lo, depois de uma manhã e começo de tarde de trabalho, a tomar o Prefect do Posto Pará a caminho de casa, levando debaixo do braço o exemplar de "O Povo", quentinho, a sair da impressora. A tarefa do dia estava concluída.

Sob o seu comando processou-se reforma gráfica, traçada pelo técnico argentino Guevara. Alcançava-se modernidade na paginação. Passos avantajados foram dados, "O Povo" não parava de crescer. Cedo demais, a morte ceifara os seus fundadores. Demócrito Rocha aos 55 anos, Paulo Sarasate aos 59, mas o jornal sobrevivia aos golpes que recebia.

"Essa história de morrer precisa acabar. Ou, antes, a gente boa deveria viver até... quando ficasse ruim." Essa, a opinião de Demócrito Rocha, em comovente crônica dedicada ao amigo e poeta Ascânio Lopes. Não vingou, infelizmente, a idéia, que traduzia o desejo de vida longa, uma aspiração secular da humanidade.

Vida longa que sonhava também para o seu jornal. Em nota de aniversário, em lampejo de otimismo, pelo que "O Povo" já alcançara e a visão porvindoura que o seduzia, escreveu:

"Quando ele tiver uma centena de anos..."

Trinta anos ainda o separam do centenário. Mas aos 70 anos apresenta-se viçoso, voluntarioso, comemorando a data prestigiado e cercado de simpatias.

Chamaram-no, certa vez, de jornal de família. Empregaram a expressão em sentido pejorativo. Jornal de família sempre foi como jornal de família se patenteia. Entre os grandes jornais da atualidade no Brasil, estão os jornais pertencentes a grupos familiares, o que ocorre, igualmente, com organizações comerciais e industriais de outra e variada natureza.

Pelo que tenho visto no "O Povo", Demócrito Rocha Dummar cultua a linhagem das gerações. Se a família não cuidar bem do seu patrimônio, quem o fará melhor?

O futuro a Deus pertence é adágio antigo e ganha maior pertinência na idade das mutações vertiginosas. Não faz mal, pois, que se invoquem estudiosos da realidade mundial, como Peter Drucker, cognominado o papa da administração: "A empresa e a família somente se sairão bem se a família servir à empresa. Nenhuma das duas se sairá bem se a empresa for dirigida para servir à família".

Oldaves Lima assinou judicioso estudo, inserido em "Manchetes Históricas", de "O Povo", e encerra-o com o pensamento de Joseph Pulitzer, que deu o nome a ambicionado prêmio de jornalismo nos Estados Unidos. A palavra com Pulitzer:

"Cada número do jornal oferece a oportunidade e o dever de se dizer corajosamente alguma verdade; de se colocar acima da mediocridade e do convencional; de se dizer algo que mereça o respeito das pessoas inteligentes, cultas e independentes da sociedade; de se sobrepor ao medo do partidarismo e ao medo do preconceito popular."

É um estuário de ricas sugestões.

Elogio maior

Ao suceder Demócrito Rocha no Instituto do Ceará, o Arcebispo de Fortaleza, D. Antônio de Almeida Lustosa, teceu ao seu

antecessor talvez o maior elogio que se lhe havia feito, pela autoridade de que estava investido e pela propriedade com que falou. Depois de apontar o jornalista como um orientador, acentua: "Venceu a impermeabilidade de nosso meio social, já bastante cosmopolita e entressachado de elementos estranhos, e dividido por mil interesses diversos. Conseguiu empolgar o sentimento intelectual nos nossos dias, a ponto de arrastar o pensamento da época na esteira de sua pena, que tem méritos indiscutíveis. Demócrito foi um guia. Era de se admirar sobretudo a policultura da sua pena ágil e douta".

"Tenho grande prazer – sublinha D. Antônio de Almeida Lustosa – em prestar minha homenagem ao meu ilustre antecessor. Sim, porque, como bispo, devo-lhe um grande e precioso conforto. Não foi sem justíssimo alvoroço que vi esse homem de talento voltar ao seu caminho e prostar-se aos pés do seu Deus com toda a sinceridade de uma grande alma. O Divino Mestre diz que o pastor mais se rejubila com a volta de uma ovelha tresmalhada do que com a perseverança de outras noventa e nove. O Deus da verdade atraiu a sua grande inteligência que regressou ao aprisco da Fé."

Um dos livros lidos por Demócrito Rocha foi "Confiteor", as memórias inacabadas de Paulo Setúbal. "Confiteor" é a história da conversão de um jovem estróina, inteligência privilegiada que se comprazia com as dissipações do sexo e o esbanjamento da incredulidade. Deleitava-se em declamar "A velhice do Padre Eterno", do irreverente Guerra Junqueiro. É de Paulo Setúbal esta confissão: "Junqueiro morreu, eu era já moço feito, contritamente para as cousas espirituais. Morreu com o coração erguido para o Cristo. O livro que deixou, postumamente publicado, "Caminho do Céu", e o estudo que, prefaciando-o, João Grave escreveu belamente sobre o poeta, revelam a tormenta religiosa que, nos últimos anos, sacudiu o fragoroso bombardeador da Igreja Católica".

Entre outros esbanjadores de impiedade, estava Antero de Quental. Mas o poeta que Setúbal de "Confiteor" evocava enternecido era o inspirado autor de um belo soneto da língua portuguesa:

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.

Em outubro de 1948, "O Povo" iniciara a publicação das crônicas de Pitigrilli, famoso escritor italiano que cultivara a libertinagem, um dia, porém, se convertera à fé cristã. É seu este pensamento: "Há sempre uma Damasco na vida de uma homem que ama a verdade."

Demócrito Rocha era boêmio, mas da cronologia do jornalismo e poeta não consta a intemperança de linguagem que revelasse a convulsão interior religiosa que outros não conseguiram dissimular. Pelo contrário. Na página de abertura da revista "Maracajá", está o singelo e encantador poema "Milagre de Santa Luzia...", a história do argueiro de que se livrara Mário de Andrade e que ele assim concluiu:

Ah! Teté! Se Santa Luzia me tirasse uma brasa que está queimando o coração...

Em "Responso de Santo Antônio", Demócrito Rocha socorre-se do protetor das causas perdidas:

Cumpre o desígnio do Senhor,
Antônio!
E dize-me:
- Onde poderei encontrar a minha felicidade?

Demócrito Rocha acolhe D. Antônio de Almeida Lustosa com uma Nota em que desfilam os antístites que o precederam e a característica da missão que cada um cumpriu. Referindo-se particularmente ao novo Arcebispo, acentua: "A honra para nós é insigne, porque S. Exa. Revma. nos vem do Pará, da Arquidiocese tradicional em que pontificou D. Antônio de Macedo Costa". E quem fora D. Antônio de Macedo Costa? Não fora outro senão o prelado de 31 anos preso juntamente com D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, de Olinda, de 26 anos, porque encabeçaram a reação à Maçonaria, tão envolvida nas atividades e cerimônias religiosas da época. De quem a autoria do registro jornalístico? Do Diretor de "O Povo", que como deputado federal operoso e brilhante ocuparia o cargo de grande Orador Adjunto da Soberana Assembléia Geral da Ordem Maçônica no Brasil. Para mim, o ideário maçônico de Demócrito Rocha tinha algo a ver com o reconhecimento dos serviços da instituição à causa democrática, não se lhe comprazendo ocupar a platibanda da luta anticlerical.

Demócrito Rocha não se fechava em igrejinhas, não se deleitava com intransigências, não cultivava o radicalismo, a não ser quando levantava o gládio em defesa da liberdade, a sua ideologia, a ideologia do século, que subsiste à queda dos muros e ao desmoronamento dos impérios. O livro, que lhe dedicou Paulo Bonavides, situa-o como uma vocação para a liberdade.

Na oração com que o saudou no Instituto do Ceará, o padre Dr. Misael Gomes dissera: "A obra dele, tumultuosa, desordenada ou dispersiva, como a de todo jornalista, dá azo a maiores esperanças; porque o seu espírito já começou e vai-se elevando, como o astro em busca de centro de gravitação na direção do Infinito."

No agradecimento, o recipiendário não forceja a linguagem para situar o padre Dr. Misael Gomes na Cidade Eterna. "Ao lado daquelas relíquias das idades, aspirando, como a um perfume, toda a sabedoria do passado, o nosso espírito de sulamericano e nordestino do Brasil, exuberante de seiva do talento, contagiou-se da mesma paixão religiosa e filosófica que empolgou a alma do filho genial de Santa Mônica, diante do influxo magnetizante de Santo Ambrósio, cujas palavras irradiavam mais luz do que os reflexos do sol mediterrâneo, nas dunas africanas de Cartago."

Senhoras e Senhores:

O Instituto do Ceará, em noite de gala, reverencia a memória de Demócrito Rocha, pela transcorrência, hoje, do 110.º aniversário do seu nascimento, e associa-se às comemorações efusivas que assinalam os 70 anos de "O Povo". A ocasião é propícia a que se tribute homenagem aos que, ao longo das sete décadas, concorreram para que o jornal alcançasse o estágio de desenvolvimento que ostenta. Como não haveria de faltar os nossos augúrios aos dirigentes atuais e ao mais modesto dos servidores para que saibam levar o jornal ao marco centenário, sonhado pelo augusto poeta que via longe.

(Palestra proferida na sessão solene do dia 14 de abril de 1998).